

## **SOBRE OS CONCEITOS DE DESCERRAMENTO E DESCOBRIMENTO EM HEIDEGGER**

Olavo de Salles<sup>1</sup>

**RESUMO:** O objetivo da comunicação é desenvolver uma tentativa de interpretar a diferença ontológica em Heidegger. Esse termo quer designar, no interior dos contextos de sua filosofia, a diferenciação entre ser e ente. Nossa tentativa se baseia em uma outra diferenciação conceitual, a saber, a diferença entre os fenômenos de descobrimento (*Entdecktheit*) e descerramento (*Erschlossenheit*). Como problema a ser desdobrado na comunicação, vale a pergunta: a cisão conceitual entre descobrimento e descerramento nos oferece evidência para compreender a diferença ontológica? A fim de alcançar algum significado para esses conceitos em jogo e como meio para alcançar esse objetivo, basear-nos-emos em trechos da preleção "Os problemas fundamentais da fenomenologia" (1927). Nela há uma interpretação de Heidegger da tese de Kant segundo a qual "ser" (compreendido ali enquanto efetividade (*Wirklichkeit*), existência) não é um predicado real. No centro dessa encontramos o conceito de percepção (*Wahrnehmung*) que é interpretado por Heidegger como um modo de descobrimento. De acordo com a interpretação de Heidegger, na tese de Kant está implicitamente indicado: 1) que ser e ente são distintos, 2) que toda percepção de um ente efetivo precisa de um descerramento compreensivo prévio de seu ser efetivo e do seu ser percebido e 3) que apenas o ente efetivo é percebido, de sorte que a efetividade nunca é percebida ou descoberta. Com isso estabelecido, a presente proposta de interpretação passa a colocar o problema da diferença ontológica nesses termos. Essa diferença seria a base que orientaria todo modo de comportamento descobridor, pois sustentaria o descerramento do ser dos entes oferecendo a respectiva possibilidade de toda manifestação e comportamento em direção a eles. Isso dá margem para propor que a referida diferença não pode se tornar tema de uma investigação objetiva, uma vez que em si mesma não pode se comprometer com nenhum âmbito temático particular. Por fim, sugerimos que um caminho possível não objetivante de a problematizar residiria no fenômeno do mundo.

**Palavras-chave:** Heidegger. Diferença ontológica. Descobrimento. Descerramento. Mundo.

### **INTRODUÇÃO**

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia pela Unioeste. E-mail: olavo.salles144@gmail.com

Pretendemos vincular a distinção conceitual entre descerramento e descobrimento, presente em *Ser e tempo*, com a diferença entre ser e ente, a diferença ontológica. Mais precisamente, pretendemos interpretar que a distinção entre “descobrimento” e “descerramento” é derivada da diferença ontológica. Nós iniciaremos a discussão a partir de seletas passagens de *Ser e tempo*. Após isso, a fim de ganhar clareza e significância quanto ao seu conteúdo conceitual dos termos, leremos o curso de Heidegger de 1927, *Os problemas fundamentais da fenomenologia*, especialmente nos trechos em que Heidegger interpreta a tese kantiana “ser não é nenhum predicado real”. Ali ele traz claramente a distinção que aqui almejamos elucidar, além de dar margem para sugerir que a diferença ontológica possa ser pensada em termos dessa uma articulação conceitual. Por fim, voltaremos a *Ser e tempo* vinculando essa ideia às discussões em torno dos conceitos de compreensão e mundo.

## DESENVOLVIMENTO

Em *Ser e tempo* a distinção é explicitamente apontada pela primeira vez no §18 da obra.

O deixar-conformar-se que libera o ente em direção à totalidade conformativa [que o deixa vir ao encontro em um contexto] já tem de ter descerrado a própria direção a que se libera. Isto em direção ao que um utensílio do mundo circundante é posto em liberdade, de tal modo que pela primeira vez ele torna-se acessível *enquanto* intramundano, não pode ser ele mesmo um ente do interior do mundo, não pode ser ele mesmo concebido como ente desse modo de ser descoberto. Essencialmente ele não é descobrível, se doravante a expressão estar descoberto (*Entdecktheit*) fixar uma possibilidade de ser para entes que *não* são ao modo do ser-aí (HEIDEGGER, 2012a, p. 255-257, acréscimos nossos).

Aqui Heidegger está às voltas com a descrição fenomenológica de mundo. Nessa altura já mostrou-se que o modo de ser de mundo é “conformatividade”: os entes vem ao encontro no interior do mundo à medida que por si mesmos se conformam uns aos outros, se conjuntam ao modo de uma referencialidade e usabilidade. Sob o modo dessa “conformatividade”, diz Heidegger, mundo, que não é um ente entre outros, libera os entes a ponto de esses se tornarem manifestos,

descobertos. Estar descoberto, assim, significa vir a ser manifesto, aparente, ao modo do estar conformado; uma possibilidade do ente intramundano, e não do mundo. Essa condição de estar descoberto ou manifesto pressupõe o que podemos nomear interpretativamente de “direcionalidade” prévia do descobrir, indicado formalmente por Heidegger como “aquilo em direção a que”. Essa direcionalidade pertence ao fenômeno mundo: “O descerramento prévio daquilo em direção a que procede a liberação do ente encontrado no mundo não é senão a compreensão de mundo que o ser-aí enquanto ente já sempre comporta em si” (HEIDEGGER, 2012a, p. 257). A direcionalidade do descobrimento dos entes intramundanos quer reconduzir-se ao ser-aí ou ao mundo. Esse indica, por sua vez, entre outras coisas, compreensão de ser. Portanto, dito sinteticamente: a compreensão de ser descerra a direcionalidade da descoberta do respectivo ente intramundano.

Tentaremos alcançar clareza quanto a esse indício e mostrar como ele pende para a diferença ontológica. Procederemos de modo contextualizá-lo em meio à interpretação de Heidegger da tese kantiana “ser não é nenhum predicado real”. Segundo Heidegger essa tese torna o seguinte manifesto: um ente pode ser descoberto enquanto existente por uma percepção, mas sua existência não é descoberta na percepção, ela precisa se encontrar previamente descerrada na compreensão de ser. A compreensão da realidade efetiva garante a possibilidade da percepção descobridora de um ente que existe, pois oferece ao ente descobridor (o ser-aí) a direcionalidade no modo de acesso ao ente descoberto.

A fim de contextualizar a problemática, Heidegger ressalta que essa tese kantiana surge pela primeira vez em 1763, período pré-crítico, e volta à tona na *CRP*, em 1781. Ela está nos entornos da prova da existência de Deus. Como Heidegger (2012b, p. 53) destaca, Kant, em seu horizonte interpretativo, não distingue entre ser em geral e existência, e significa-os como efetividade ou realidade efetiva (*Wirklichkeit*) (são o mesmo). Por sua vez: ser, existência e efetividade em Kant equivale a presença à vista ou presentidade (*Vorhandenheit*) ao modo de Heidegger. Esse termo técnico, presente amplamente em *Ser e tempo*, quer designar: “[...] as coisas naturais, em sentido maximamente amplo” (HEIDEGGER,

2012b, p. 46), à medida em que elas são produzidas, efetivadas. Tal significado encontramos quando a gente diz, também em nosso idioma, que algo existe.

Heidegger (2012b, p. 53) destaca três caracterizações do conceito de existência em Kant: 1) existência não é um predicado ou determinação de coisas; 2) existência significa que algo é absolutamente *posicionado*; 3) existência significa um *complementum possibilitatis*, a efetividade de uma coisa é o complemento de sua possibilidade, sua possibilidade completa, concluída, no sentido de levada à cabo.

Essa terceira indicação nos habilita a distinguir *em Kant* entre realidade e efetividade. Esse é um passo importante para captar o significado da tese. Nas palavras de Heidegger: “Real é aquilo que pertence à *res*, à coisa. Quando ele [Kant] fala de totalidade das realidades, ele não tem em vista a totalidade das coisas que são efetivas, mas mais precisamente a totalidade dos conteúdos quiditativos das coisas possíveis em geral” (HEIDEGGER, 2012b, p. 55). A realidade (*Realität*) responde a *o que* certa coisa pode ser ou de fato é; indica o conteúdo quiditativo, a totalidade dos predicados internamente possíveis de certa coisa. Efetividade, por sua vez, responde pela coisa *como é* e *se é*. Realidade para Kant não significa exatamente existência, que por sua vez equivale à efetividade. Podemos falar das realidades de uma determinada coisa, das múltiplas determinações possíveis a ela. O exemplo que Heidegger resgata de Kant torna essa distinção muito clara: “[...] cem montanhas possíveis e cem montanhas efetivas não se diferenciam em sua *realidade*. O conteúdo quiditativo é o mesmo. Pensamos em ambos os conceitos a mesma realidade” (HEIDEGGER, 2012b, p. 61). Com isso, se torna compreensível a tese kantiana, sobretudo quando ele a explica da seguinte maneira:

Portanto, quando penso uma coisa por meio de seus predicados, [...] não acrescento o mínimo que seja à coisa (isto é, à *res*) pelo fato de eu estabelecer em adendo que essa coisa é (existe). Pois, de outro modo, o que existisse não seria exatamente o mesmo, [seria] porém mais do que eu tinha pensado no conceito, e não poderia dizer que precisamente o objeto do meu conceito existiria (Kant, CRP, B 628 apud Heidegger, 2012b, p. 61).

Depois de estabelecida essa distinção, a tese formulada em outros termos pode soar: a efetividade de uma coisa não é absolutamente alguma coisa. Nas

palavras de Heidegger (2012b, p. 68): “A realidade efetiva não é nenhuma determinação real. O sentido dessa proposição negativa diz: a realidade efetiva e a existência não são elas mesmas nada efetivamente real e nada existente, o ser de um ente não é ele mesmo um ente”. Mas então o que acontece *com* uma coisa quando enunciamos dela que *existe*, que *é*, se não há nada “a mais” nela, e se esse *ser* ou *existir* não pode se reconduzir a outra coisa?

A existência é concebida por Kant como síntese existencial fundada na percepção. Tal síntese não tem caráter predicativo (A é B), pois não posiciona ou determina um predicado B no sujeito A. Diferentemente: “[...] a coisa é considerada como posicionada (determinada) em si mesma e diante de si mesma” (KANT, *Argumento*, p.77 apud Heidegger, 2012b, p. 62), diz-se, então, simplesmente: A é ou existe. A coisa é posicionada frente a si mesma. Não é posicionada relativa a algum conteúdo quiditativo, pois é absolutamente posicionada. Heidegger (2012b, p. 62) assevera: “Ser não é predicado real, mas se equivale à existência, presença à vista significa posicionalidade absoluta”. No entanto, esse posicionamento procede a partir da síntese existencial subjetiva à medida que é ligada ao conceito puro de coisa (Heidegger, 2012b, p. 71). Existência significa uma ligação do objeto com a faculdade do conhecimento, e portanto,

[...] só tem algo em comum com a questão de saber se uma coisa nos é dada, de tal modo que a percepção dessa coisa possa em todos os casos preceder o conceito. [...] o alcance de nossa percepção é o mesmo do que o do nosso conhecimento da existência das coisas (CRP, B 272-273 apud Heidegger, 2012b, p. 72).

Assim, Heidegger mostra o papel fundamental da *percepção* nessa concepção de existência em Kant. O significado de ser em geral como posicionalidade leva ao problema do ser percebido. Como Kant diz “A percepção é único caráter da realidade efetiva” (CRP, B 273, apud Heidegger, 2012b, p. 73), pois na percepção “[...] o sujeito leva a si mesmo perceptivamente até a coisa em uma ligação que apreende e acolhe essa coisa ‘em si e por si mesma’” (Heidegger, 2012b, p. 74). Kant torna equivalentes existência, ser percebido e ser posicionado.

No entanto Heidegger (2012, p. 78-79) faz ver que Kant, a despeito de seus esforços aqui ilustrados, não só deixou inquestionada a pressuposta equivalência

entre ser, existência e efetividade, como também, ao equivaler existência, posição absoluta e percepção, não esclareceu o conteúdo significativo do fenômeno da percepção, da posição e da existência.

Ele diz:

Algo assim como existência não é absolutamente nenhuma percepção. A percepção é ela mesma uma postura comportamental efetiva em um ente efetivo. A percepção não é pura e simplesmente a efetividade nem desse sujeito e nem do objeto percebido. Assim, a percepção, enquanto ato de perceber, não pode ser equiparada à existência. Por outro lado, se a percepção não é a existência, ela pode ser aquilo que um existente percebe e que se liga no que é percebido. Quando como dizemos 'tive essa percepção dolorosa' (HEIDEGGER, 2012b, p. 74).

Heidegger (2012b, p. 74) elucida a multiplicidade significativa do termo "percepção" sob a estrutura da intencionalidade. Ele distingue entre: 1) o ato da percepção, 2) o que é percebido no ato, 3) a condição de ser-percebido do que é percebido. Toda percepção diz: perceber o percebido em sua condição de ser-percebido. De acordo com Heidegger, porque Kant deixou no escuro o fenômeno da percepção, não é possível saber qual dos três significados ele visava ou se visava sua unidade.

Em seguida Heidegger argumenta que se existência significa *ser percebido*, então logo se conclui que:

[...] só posso perceber algo se e *porque* esse algo existe. Ser percebido pressupõe a possibilidade de percepção que, por sua vez, requer a *existência* do ente percebido. Portanto, o ser percebido não é outra coisa senão o *modo de acesso* ao ente que existe ao modo de ser descoberto perceptivamente (HEIDEGGER, 2012b, p. 76).

Ora, em primeiro lugar, se o percebido *deve* existir por si para que possa ser na condição de percebido, então, a condição de ser-percebido de um existente não equivale à sua existência. Em segundo lugar, se, não obstante, ele diz que: "Reside no sentido da apreensão perceptiva mesma precisamente descobrir o percebido de acordo com o modo como ele é e se mostra em si" (HEIDEGGER, 2012b, p. 105), e se o perceber não descobre, mas pressupõe, a condição de ser-percebido, e com efeito, enquanto modo de acesso do perceber ao percebido, então ele não

descobre nem o *modo de acesso* nem o *modo de ser* do percebido. O perceber não descobre nem a condição de ser-percebido nem a existência, mas conta com elas para perceber apenas o ente percebido. O ato de perceber, isto é, o descobrir mesmo, precisa contar com o modo de ser do ente percebido ou descoberto, que por sua vez, oferece-lhe o adequado modo de acesso ao respectivo ente.

Heidegger diz:

O modo do descobrir e o modo da descoberta de algo presente à vista precisam ser evidentemente determinados pelo modo de ser daquilo que neles é descoberto. Não posso perceber relações geométricas ao modo da percepção natural, sensível. [...] esse descobrir deve tomar por medida, por sua vez, o ente a ser descoberto. O modo da descoberta possível do ente presente à vista na percepção já precisa ser ele mesmo predelineado no próprio perceber, isto é, o descobrir perceptivo de algo presente à vista já precisa compreender desde o princípio algo assim como a presença à vista. [...] Nessa compreensão está aberto, descerrado, aquilo que significa presença à vista. Essa compreensão da presença à vista reside previamente como compreensão pré-conceitual na *intentio* do descobrir perceptivo enquanto tal. [...] Essa é a condição de possibilidade para que o *ente presente à vista* possa ser descoberto (HEIDEGGER, 2012b, p. 110-109).

O ente em geral, para ser descoberto, seja pela percepção, seja por outro modo de descoberta, precisa contar com a prévia compreensão do seu ser. Somente contando com o descerramento de efetividade e possibilidade, o ente pode vir a ser descoberto enquanto efetivo ou possível; somente contando com a compreensão do ser percebido, pode-se o ente tornar-se acessível enquanto um percebido. Em *Ser e tempo* Heidegger explicita que o descerramento não é uma possibilidade do ente descoberto, mas é uma possibilidade do *ser-aí*. Com isso ele pode concluir: “Uma coisa está clara: a condição de ser-percebido de um ente presente à vista não está presente à vista nesse ente ele mesmo, mas pertence ao ser-aí [...]” (HEIDEGGER, 2012b, 106). O que nos leva a concluir que ser-aí não é, por sua vez, um ente presente à vista, não é uma coisa que existe entre outras. O princípio *apriorístico* da compreensão de ser vale para outros modos de ser que não a presença à vista. Por exemplo, em outras preleções e em *Ser e tempo* (cf. *Introdução à filosofia*, 2009, p. 206) Heidegger fala do comportamento descobridor que manuseia o ente, e precisa contar com o descerramento prévio da

manualidade. Um comportamento que toma algo como um ente de uso precisa compreender previamente o que significa usabilidade, precisa compreender a possibilidade de uso.

Evidencia-se que a diferença entre o ser descoberto e o descerramento reconduzem precisamente para diferença entre ser e ente. Heidegger diz:

[...] precisamos conseguir apreender conceitualmente a diferença entre ser descoberto e descerramento e apreendê-la conceitualmente como uma diferença possível e necessária, concebendo do mesmo modo, porém, também a unidade dos dois. Nisso reside ao mesmo tempo a possibilidade de apreender a diferença entre o ente descoberto no ser descoberto e o ser descerrado no descerramento, isto é, a possibilidade de fixar a diferenciação entre ser e ente, a diferença ontológica (HEIDEGGER, 2012b, 110).

## CONCLUSÃO

Tendo em vista o que conquistamos, em *Ser e tempo* lemos:

*Aquilo em que o ser-aí previamente compreende a si mesmo ao modo de uma autorreferência é a direcionalidade do prévio deixar vir ao encontro do ente. É o fenômeno do mundo esse "em que" do compreender autorreferente, enquanto direcionalidade do deixar vir ao encontro do ente no modo de ser da conformatividade [...]* (HEIDEGGER, 2012a, p. 257-259).

É o fenômeno do mundo que originariamente oferece a direcionalidade a partir da qual o ente vem ao encontro, e com efeito, vem intramundaneamente ao encontro. No entanto, tal direcionalidade não é outra coisa senão aquilo com que o descobrir conta no descerramento. No descerramento de mundo o ente vem ao encontro, ele pode ser descoberto a partir desse descerramento. A direcionalidade do descobrir remete ao fenômeno do mundo. Esse, por sua vez, enquanto um *existencial*, pertencente ao *ser-no-mundo*, e acontece ao modo da significatividade:

O ser-aí [o fenômeno de mundo] em sua familiaridade com a significatividade é a ôntica condição da possibilidade da descoberta do ente que ao modo de ser da conformatividade vem ao encontro em um mundo (HEIDEGGER, 2012a, p. 261).

Evidentemente, essa condição ôntica se apoia na compreensão de ser do ser-aí. O descobrir conta com a descerrada direcionalidade da significância para descobrir o ente em seu ser. Mas é o compreender que mantém a significatividade em um descerramento prévio, e assim oferece a direcionalidade aos comportamentos descobridores.

Essas indicações sugerem, portanto, que um caminho para elaborar a questão da diferença ontológica pode ser encontrado no fenômeno do mundo. Especialmente no que esse é interpretado como um fenômeno de significância, que por sua vez traz à tona o compreender e o interpretar como formas da articulação entre descobrimento e descerramento.

## REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, M. *Os problemas fundamentais da fenomenologia*. Trad. Marco Casanova. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012a.

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Trad. Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012b.